

PAULISTANA

01/2022



SOMENTE NA
PAULISTANA

*OS DIREITOS E GARANTIAS
FUNDAMENTAIS A TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS*

O MUNDO DAS ARTES NFT

*UMA IMERSÃO PELO MUNDO
VAN GOGH*

O MEU EU ESTILISTA

EXPEDIENTE

Esta produção acadêmica é o trabalho prático que integra a disciplina Práticas em Jornalismo: revista dos alunos do 6º semestre do curso de Jornalismo do Centro Universitário FMU| FIAM-FAAM

Vice-Presidência Acadêmica e de Inovação: Aline Alves de Andrade

Vice- Presidência Acadêmica: Manuel Nabais da Furriela

Diretor da Escola das Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Artes e Humanidades: Dr.Fernando Albino Leme

Coordenadora do Curso de Jornalismo e Relações Públicas: Ms. Nicole Morihama

Professora Orientadora: Ms. Carla de Oliveira Tôzo

Editor Chefe: Luan Araujo

Editores de Arte e Diagramação: David
Abrahan e Lucas Luan Durães

EDITORIA: MODA E COMPORTAMENTO

EDITOR: Everton Clarindo Elias - 3450099

REPÓRTER: Edson Gabriel Santos da Silva - 1851447

EDITORIA: SAÚDE E ESPORTE

EDITOR E REPÓRTER: Leonam Tadeu, RA: 3495208

EDITORIA: DIREITOS HUMANOS E LGBTQIA

EDITOR: Jenyfer Oliveira - 3850695

REPÓRTERES:

Ana Carolina Cationi - RA. 3873282

Bruna Fernanda Lira - RA. 8854181

Lucas Luan Durães - RA. 3236597

Marina Honorato Vieira - RA. 3868880

Poliana De Souza Souto - RA. 3982337

Raylla Alves Rocha - RA. 3937120

EDITORIA: CIÊNCIA E TECNOLOGIA

EDITOR: Jordana Araújo RA: 3885430

REPÓRTERES:

Jordana Araújo - 3885430

David Abraham - 5696815

Elizabeth Soares - 3975797

Luan Araujo - 3945295

Pedro Nathan Martins - 5895586

Matheus Vitorelo Inserra - 5688473

EDITORIA: ARTE E CULTURA

EDITOR: Gabriela Santos RA 3764543

REPÓRTERES:

Suellen Leal RA 5698667

Bruna Rodrigues RA 2519455

Edgar França RA 3949204

Victor Benevides RA 2197212

ILUSTRAÇÃO: Raul Vilela

NOTAS DO EDITOR

Por Luan Araujo



No universo da *Ciência e Tecnologia*, trilhamos o caminho da vacina contra a dengue, desenvolvida pelo Instituto Butantan e também mostramos as novidades científicas no combate ao vírus causador da AIDS, o HIV. Além disso, discutimos o conceito das NFTs, tecnologia que tem gerado debates acerca da ideia de propriedade no ambiente digital.

Uma frase que ainda ecoa a falsa noção de uma cultura acolhedora em solo brasileiro é a seguinte: “o brasileiro é cordial!”. A partir dessa afirmação, podemos levantar diversas questões, por exemplo: “o que é ser brasileiro?”, “o que representa essa cordialidade?”, “cordial com quem?”, etc. Ao sairmos do mundo das ideias e colocarmos o pé no chão, notamos uma realidade mais dura, mais triste, principalmente para o público LGBTQIA+.

Por isso, nossa matéria de capa traz, na editoria *Diálogos*, um panorama geral sobre a realidade vivida por travestis e transgêneros no Brasil para que você, caro leitor, conheça um pouco mais sobre as dificuldades jurídicas que esse grupo enfrenta para garantir seu direito de existir.

Em *Arte e Cultura*, a Paulistana acompanhou o retorno da Virada Cultural em São Paulo, com atrações musicais de forma presencial, após dois anos de isolamento social. Além disso, fizemos um giro pela exposição Beyond Van Gogh que rodou o mundo e chegou ao Brasil, especificamente no shopping Morumbi.

Conheça ainda a sensível história de Denis Mathias Leão, estilista que, apesar das dificuldades, conseguiu encontrar sua luz e chegou a realizar grandes trabalhos, como a confecção de looks para o clipe musical da artista Linn da Quebrada, em *Moda e Comportamento*.

Enfim, esperamos que esses e os demais textos desta edição possam lhe proporcionar conhecimento e novas reflexões. Boa leitura!

PAULISTANA - 01/2022

SUMÁRIO

MODA E COMPORTAMENTO

O MEU EU ESTILISTA - 6

*O CRESCIMENTO DO ECOMMERCE
NA PANDEMIA - 10*

CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

O MUNDO DAS ARTES NFT - 12

*O CAMINHO DA VACINA CONTRA A
DENGUE - 14*

*AS NOVAS ARMAS DA CIÊNCIA CONTRA O
HIV - 14*

SAÚDE E ESPORTE

*INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS
PARA ATIVIDADES FÍSICAS EM
PRAÇAS E LOCAIS PÚBLICOS - 17*

COLUNA

MARCELO CARVALHO - 18

ARTE E CULTURA

CENTENÁRIO DA SEMANA DE 22 - 20

A VOLTA DA VIRADA CULTURAL - 24

*UMA IMERSÃO PELO MUNDO
VAN GOGH - 25*

DIREITOS HUMANOS E LGBTQIA+

*OS DIREITOS E GARANTIAS
FUNDAMENTAIS À TRAVESTIS E
TRANSEXUAIS - 26*

*CENTROS DE ACOLHIMENTO
LGBTQIAP+ - 31*

PERFIL

O MEU EU ESTILISTA







Com perseverança, atitude e estilo, Denis Mathias Leão foi da escuridão à luz e costurou sua vida pessoal e profissional até se tornar o estilista dono de si

Por Everton Clarindo

Com a voz embargada e como que perdida entre as palavras, a prosa que ocorre numa tarde de domingo nos leva preliminarmente há um ano atrás, quando se passará a difícil e quase que inconsolável perda de sua mãe, a dona Gisefia Leão, a quem ele nos apresenta mais adiante de forma breve e melancólica.

Se desculpando pela dificuldade, legitimamente compreensível, de dialogar sobre suas questões pessoais, como que num ato de desabafo e de boa vontade misturado com serenidade, ele expressa, antes de tudo, como sua mente ainda está bagunçada, consequência da partida de quem lhe deu a vida.

Os caminhos do então estilista começaram a mudar antes mesmo dos seus primeiros passos, das suas primeiras palavras soletradas, do seu entendimento sobre si e do mundo ao redor. A história que hoje o deixa com a voz trêmula, começa a ser moldada no seu primeiro ano de vida.

A complexidade dos fatos, ocorridos tempo depois dos 365 dias da sua chegada, interferiu diretamente na relação com sua mãe e, conseqüentemente, com seu pai e dois irmãos. Acamada desde então, e assim seria pelas próximas décadas por conta de um acidente, a enfermidade e os cuidados dedicados em tempo integral à matriarca da família afetaram intimamente a família Leão e a forma no trato com o pequeno Denis e seus traumas, que desde tão pequeno já o acompanhavam aonde fosse, até chegar ao Denis adulto. Foram esses traços, traumas e trapaças da vida que desenharam o

caminho até o estilista nascido em Suzano, município localizado na maior metrópole da América Latina, São Paulo.

DO ESTRANHO AO BELO

Da sensação de ser uma pessoa triste, mal compreendida e estranha para a compreensão da sua verdade foram longos e vagarosos anos. Tal clareza começou a se sobressair em 2018, com a chegada tardia de um forte aliado: a terapia.

“Eu fui percebendo meus problemas ao longo dos anos, de pouco em pouco conforme eu ia tendo mais compreensão da vida, de quem eu era e gostava. Isso só começou a acontecer depois que procurei ajuda”. O casamento perfeito entre a terapia e a faculdade lhe renderam muitos looks e entendimentos sobre o seu eu do passado e o atual Denis Mathias Leão. As consultas o ajudaram a se valorizar e se libertar das amarras do preconceito. Já as aulas só confirmaram aquilo que ele já sentia e sabia desde sempre: a paixão pela moda.

O REBELDE DA MODA

Sua paixão pela moda sempre existiu e resistiu. A rebeldia com a moda sempre teve o apoio dos pais, que, no entanto, rivalizavam com sua sexualidade. Dono de si e do seu estilo, o Denis adolescente adotou para si o estilo EMO de ser – um estilo musical dos anos 80

marcado pela musicalidade melódica e visual único e alternativo -. Trazia consigo cabelos longos, cores pesadas na vestimenta, maquiagem, calças skinny e muito choque de realidade perante a sociedade.

Tanta bravura lhe rendeu alguns conflitos, principalmente com o Sr. Sebastião, seu pai. Tais conflitos não foram suficientes para enterrar o autêntico caçula Leão, que seguiu suas vontades e seus desejos mesmo sob a pressão do patriarca.

Na soma da adolescência com o gosto pela moda alternativa começaram a vir os entendimentos sobre sua sexualidade. O combo perfeito entre moda, música e sexualidade ajudaram o modista a moldar sua própria vida. Foi através desses itens que nasceu o gosto pela moda sem gênero, de forma clara, convicta e apaixonante. Sua inspiração vem do consagrado estilista e designer londrino, Alexander McQueen e seus luxuosos desfiles.

Com brilho nos olhos e toda sua coragem, conquistada no decorrer da sua trajetória, ele foi ganhando o conhecimento necessário na universidade. Estacionou sua convicção e força de vontade na Faculdade Santa Marcelina, uma das mais conceituadas de São Paulo na formação de estilistas. E foi lá, naquele território acadêmico que o futuro estilista moldou seu estilo pessoal e profissional.

EXPRESSÃO & MODA

A moda floriu aos dezessete, mas foi na universidade que lapidou seu talento com a alfaiataria e começou a expressar seus sentimentos. Tais aptidões o levaram a criar uma marca junto com outros amigos, a Assumpta. “Eu não nasci pra fazer a roda do capitalismo da moda girar sem nenhum propósito ou questionamento”.

Com a nova marca, desfilaram dentro do Concurso dos Novos, realizado pela Dragão Fashion, evento anual de moda que acontece em Fortaleza, no Ceará. Um primeiro sonho alçado.

Em 2018, junto com o que ele chamou de suas meninas, ganharam o terceiro lugar e o Prêmio AvantGard no concurso Style & Colour Trophy na Beauty Fair, idealizado pela L’Oréal.

De anônimos a artistas, passando por editoriais de Drag Queens, eles levaram a marca a um patamar altíssimo. Fizeram os looks do clipe Oração, da cantora, compositora, atriz e ex-BBB, Linn da Quebrada, hoje com mais de dois milhões e duzentas visualizações na internet.

De editoriais em editorias chegaram a 2020 e, com o novo ano, veio a pandemia. Desespero, cansaço, falta de grana e de trabalho. O mundo e a Assumpta pararam. Num sopro vindo do outro lado do mundo, se viram obrigados a pausar a marca que costurava uma



Foto: Linn da Quebrada vestida por Denis Mathias (foto reprodução)

trajetória esplêndida. Mas ao invés de nostalgia, a voz cheia de esperança proclama:

“Um dia ainda irei retomar as atividades da Assunta, levar meu propósito para as passarelas, clipes, ruas e para a vida das pessoas. É o que sei fazer, é o que eu quero fazer. Não desisti da marca, apenas dei uma pausa no sonho de estilista”.

A pausa da marca que perdura por mais de dois anos, resultado da pandemia mundial, continua. Por isso, o estilista e designer gráfico colocou em prática seus dotes profissionais e trabalha atualmente em um loja de roupas do tipo Fast Fashion, um modelo do mercado têxtil onde os produtos são fabricados, consumidos e descartados com muita rapidez, localizado no Brás, região central da capital paulista.

Com sua inquietação somado aos seus sonhos ele sabe muito bem aonde quer chegar. Apesar da pausa sem previsão de retorno, a marca Assumpta ainda está em sua posse. Ao contrário do que muitos pensam, esses dois anos não foram perdidos, pelo contrário, foram tempos de repensar e se cuidar, viver um luto, colocar seus sonhos no papel, recuperar a força, se recuperar e recuperar o sonho de sobreviver da moda. Mas não de qualquer moda, e sim feita por ele, aquela que vai além de alfaiataria e beleza e traz consigo um ensinamento e um propósito para todas, todos e todes.



Foto: arquivo Denis Mathias Leão

Aumento do Ecommerce em São Paulo: avanço no comportamento do consumidor ou reflexo de um longo distanciamento social?

Por Edson Gabriel Santos

Sabemos que a pandemia foi um período de consequências e incertezas devido a COVID 19, como por exemplo o sentimento de não saber o que aconteceria nos próximos dias e muitas mudanças na sociedade, com o distanciamento social os comércios ficaram fechados por um longo período permanecendo aberto somente os de segmentos essenciais como farmácias e mercados.

A internet é uma ferramenta de enorme impor-

tância e praticidade, em grandes cidades como São Paulo o seu uso é imprescindível e seu crescimento foi notável, durante o isolamento social ela se tornou essencial para continuar gerando emprego e movimentando a economia do país, nisso podemos entender que as compras online tiveram um grande crescimento pois as pessoas não podiam mais sair de suas casas para fa-

O Ecommerce (comercio eletrônico) nada mais é do que um comercio não presencial feito especialmente através de equipamentos eletrônicos como computadores, tablets e smartphones, seu primeiro registro no Brasil ocorreu pela Book Net, fundada por Jack London em 1995.

zer compras de seu desejo ou necessidade.

O Ecommerce (comercio eletrônico) nada mais é do que um comercio não presencial feito especialmente através de equipamentos eletrônicos como computadores, tablets e smartphones, seu primeiro registro no Brasil ocorreu pela Book Net, fundada por Jack London em 1995. O processo de compra pela internet é algo que nos desperta grande interesse e curiosidade pois anos atrás não imaginávamos que seria possível adquirir objetos, roupas, serviços ou até mesmo comida com apenas um clique, seria um grande delírio fora da realidade, mas hoje isso é possível em apenas alguns segundos e boa parte das empresas obtém um faturamento até maior do que as lojas físicas, optando somente pelo mer-

cado online.

Desenvolvemos uma pesquisa para entender melhor o comportamento de consumo da sociedade antes da pandemia, durante ela e após com a liberação e abertura das lojas físicas, a pesquisa foi lançada através das redes sociais e google forms com pessoas de idades entre 18 e 70 anos residentes na cidade de São Paulo, com o principal objetivo de averiguar se o crescimento das compras online foi um avanço no processo de compra do consumidor devido a tecnologia e crescimento da internet ou apenas um reflexo do distanciamento social obrigatório marcado pelos dois últimos anos de pandemia.

Na primeira questão da enquete perguntamos as pessoas se antes da pandemia elas tinham o

costume de comprar pela internet, 52% responderam que sim e 48% responderam que não, um número consideravelmente alto partindo do ponto de vista que mesmo antes da pandemia a utilização da internet já estava avançada.

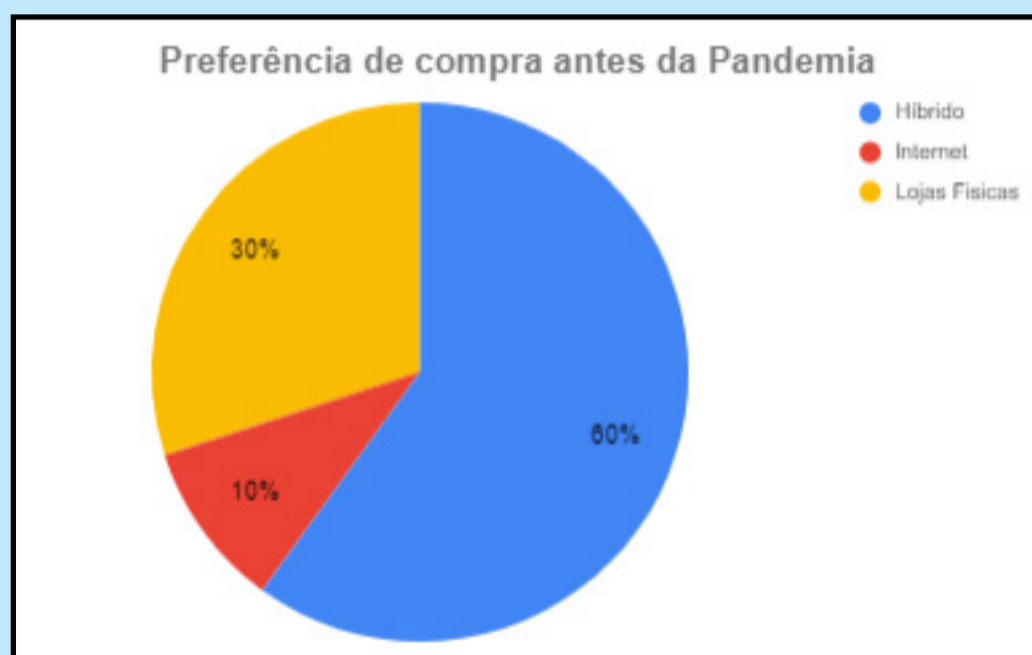
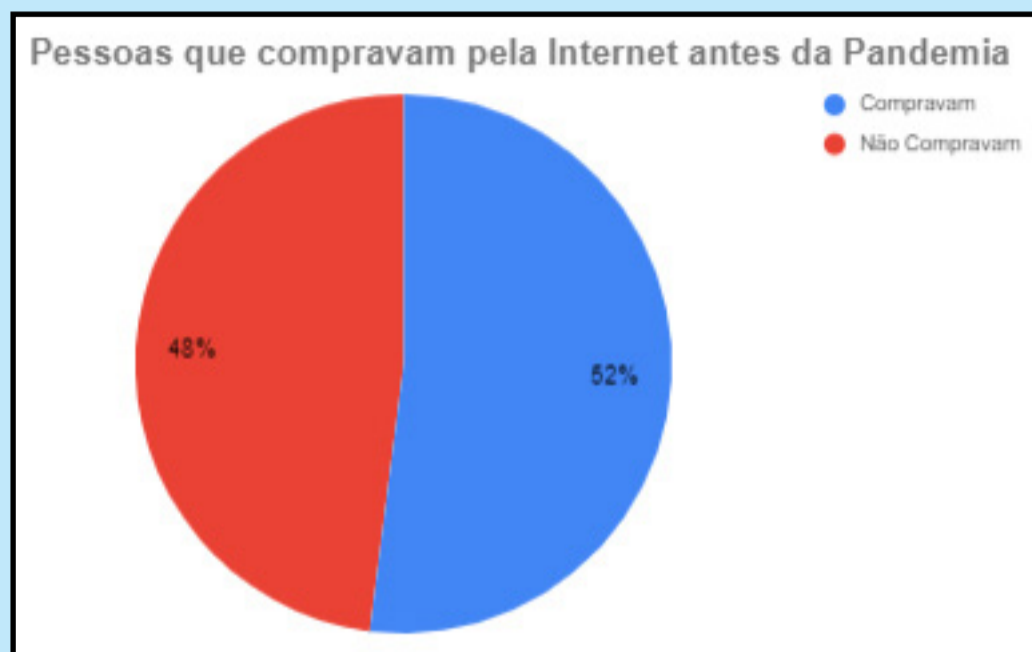
Outra pergunta foi como era a forma mais comum de consumo dessas pessoas antes do isolamento social e como resultado tivemos 60% que compravam de maneira híbrida nas lojas e internet, 30% somente nas lojas físicas e apenas 10% consumiam pela internet.

Dando continuidade na pesquisa também perguntamos como de fato elas passaram a consumir na pandemia, 94% das respostas foi que compravam somente pela internet e 6% disseram que mesmo com a atual situação preferiam consumir em lojas físicas. Entendemos que a necessidade e obrigatoriedade de permanecer em casa impulsionou a sociedade a comprar apenas pela internet, com isso ecommerces de grandes empresas entenderam as oportunidades que estavam acontecendo naquele momento e decidiu melhor a experiência de compra do consumidor dando prazos de entrega mais curtos ou até no mesmo no dia em que a compra foi efetuada.

Para entender melhor perguntamos sobre o pós distanciamento social obrigatório, queríamos analisar se mesmo com a volta dos comércios as pessoas permaneceriam consumindo regularmente pela internet ou se era apenas um momento no qual o consumidor era obrigado a se submeter devido a situação que acontecia no mundo, 90% das respostas foi que mesmo com a volta das lojas físicas elas ainda continuam comprando de forma ativa na internet e apenas 10% voltou a comprar somente em comércios físicos.

O e-commerce de fato cresceu muito no período pandêmico e continua atingindo grandes números, os últimos dois anos nos colocou na situação de utilizar a internet para nos trazer algum benefício, nisso reeducamos nossa forma de consumir e passamos a enxergar outras pos-

sibilidades, as vezes até mesmo mais prática e confortável.



Gráficos por Edson Gabriel Santos



O mundo das artes NFT

Por David Abraham e Elizabeth Soares

[Crédito: Reprodução/Sotheby's]

Está cada vez mais comum ouvir falar sobre NFTs, um dos novos hypes do mundo digital. Um item fungível, como o dinheiro, por exemplo, pode ser trocado por outro da mesma espécie. Um token não fungível (em inglês: non-fungible token, NFT), é um tipo especial de token criptográfico, estabelecido via blockchain, representando um item único e que não pode ser substituído. Os itens não fungíveis são como as obras de arte, objetos raros, exemplares únicos, etc.

Essa arte vem aparecendo cada vez mais nas redes sociais, e a procura pelo item cresceu após várias celebridades demonstrarem seu interesse, gastando quantias exorbitantes para adquirir algum tipo de NFT. Foi o caso do jogador Neymar Jr., que pagou R\$6 milhões em um NFT da coleção Bored Ape Yacht Club, no início de 2022.

Eleita a palavra do ano pelo dicionário Collins em 2021, o uso do termo “NFT” cresceu em 11,000% segundo os dados levantados. “É incomum para uma abreviatura experimentar um aumento meteórico no uso, mas os dados que temos do Collins Corpus refletem a notável ascensão do NFT em 2021”, notou Alex Beecroft, diretor administrativo da Collins Learning, em entrevista para o The Guardian.

“NFTs parecem estar em todos os lugares, das seções de arte às páginas financeiras, em galerias e casas de leilões e por toda mídia social. Ainda está para ser determinado se os NFTs terão uma influência duradoura, porém sua presença repentina nos assuntos ao redor do mundo torna claramente nossa palavra do ano” acrescentou.

Como nasceu a primeira NFT

Apesar de ganharem força em 2021, o conceito que viria a ser conhecido como NFT foi apresentado em 2012 com a concepção das “Colored Coins” - em português Moedas Coloridas - por Meni Rosenfeld (presidente da Associação Israelense de Bitcoin) para a blockchain Bitcoin.

A ideia por trás das Colored Coins era descrever uma classe de métodos para representar e administrar ativos do mundo real na blockchain para provar a propriedade desses ativos. Semelhante a Bitcoins comuns, porém com um ‘token’ que determina o seu uso, tornando-os separados e únicos.

As limitações do Bitcoin não permitiram que as Colored Coins saíssem do papel, no entanto, esse conceito pavimentou o caminho que levaria à invenção das NFTs.

Em 2014, o artista digital americano Kevin McCoy cunhou uma obra chamada ‘Quantum’ na blockchain Namecoin. Considerada a primeira NFT da história, ‘Quantum’ é uma imagem digital de um octógono que pulsa e muda hipnoticamente de cor. No dia 4 de junho de 2021 a obra foi vendida por US\$ 1,4 milhão pela casa de leilão Sotheby’s.

Uma chance de independência

Possibilitando a eliminação de um intermediário, os NFTs permitem que artistas não dependam mais de uma gravadora, galeria ou distribuidora para possuir

— — — — —
uma renda além de manter um relacionamento direto com seu público, por menor que ele seja, através das redes sociais, facilitando a venda direta de suas obras.

Além da venda direta, os artistas podem continuar recebendo por suas obras com o smart contract, um sistema de contratos inteligentes que executam transações automaticamente sem a necessidade de um intermediário, na forma de royalties. Por exemplo, um artista vende a sua obra para uma pessoa, se a pessoa decidir revender, o artista não recebe algo por isso. Com os royalties, sempre que ocorrer uma venda secundária de uma obra com NFT, o autor receberá uma porcentagem que ele mesmo definiu.

Em conversa com o músico e galerista Luciano Vassan, que comanda o site Brasil NFT, ele nos contou sobre como o mercado de NFTs funciona e o impacto disso na arte brasileira pelos próximos anos. Confira:

Paulistana: Como as NFTs possibilitaram a entrada de novos artistas no mercado?

Luciano Vassan: O NFT é uma possibilidade de criação de novas receitas para os artistas, além disso possibilita a eliminação do intermediário, o artista deixa de depender de uma gravadora, ou galerista ou distribuidora, e se o artista tiver um público, por menor que seja, pode manter o relacionamento direto com esse público através das redes sociais, espetáculos que ele promove e engajar e vender sua obra ou sua arte direto pro público. Além disso, o NFT tem um sistema de royalties que é perpétuo. Por exemplo, um artista tradicional vende um quadro para uma pessoa. Se essa pessoa revender o quadro, o artista não ganha nada com isso. Já com o NFT, ele vai ter um royalty, sempre que ocorrer uma venda secundária do NFT dele, ele recebe uma porcentagem do royalty que ele próprio definiu a porcentagem.



[foto por: Luciano Vassan]

P: Como é feita a precificação de NFT e como as galerias virtuais recebem a porcentagem dessa transação?

LV: A precificação é feita da mesma maneira que é tradicionalmente - o importante é o artista ter conhecimento da projeção do trabalho dele, entender todas as questões sociais, financeiras e demográficas do público dele para poder precificar. As galerias virtuais ou físicas, que também podem se utilizar dos NFTs, recebem uma porcentagem através dos royalties com smart contract, um contrato inteligente. Dessa maneira, é colocado neste contrato qual valor será do artista, qual será do galerista, etc”.

P: É possível que futuramente um objeto físico se torne uma NFT e tenha um valor digital? Se já ocorreu, pode citar exemplos?

LV: Não só é possível como já ocorre. O NFT é um token digital que pode representar qualquer item, digital ou físico. Normalmente a utilização mais comum é para artes digitais, mas há outra utilização que representa itens físicos - ingressos, itens de roupas para jogos, itens para metaverso, terreno virtual, etc. São os chamados figitals, mistura de físico com digital. Na nossa galeria, por exemplo, leiloamos um cocar indígena em que havia uma imagem desse cocar no NFT que é atrelado ao item físico. Então qualquer item com valor emocional ou financeiro, pode ser transformado em um NFT.

P: No site da Brasil NFT há uma informação de que vocês fazem apadrinhamento e qualificação. Poderia explicar esse processo?

LV: Somos uma consultoria que presta serviços, tanto para artistas, quanto para empresas, ONGs e organizações em geral. No caso dos artistas, o que fazemos é promover a arte, difundir e ajudar artistas, apesar de termos artistas grandes como Henfil, Zivaldo, João Gordo. Ajudamos na precificação, na comunicação, damos ajuda com boas práticas de comunicação, de divulgação, formação de comunidade, se relacionar com o público.

P: Ainda há uma certa resistência quando se fala de criptomoedas e NFTs em geral. Para você, a resistência é somente preconceito?

LV: A falta de informação faz com que as pessoas tenham resistência com tudo o que é novidade, isso não só com o NFT. Qualquer novidade gera desconforto. É o caso do surgimento das videocassetes e CD, havia uma preocupação enorme com a pirataria e a qualidade do áudio. Hoje a gente vive num mundo completamente conectado, e superamos essa resistência.



O caminho da vacina contra a Dengue desenvolvida pelo Instituto Butantan

Por Jordana Araújo

O Instituto Butantan, em parceria com o Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas dos Estados Unidos, está desenvolvendo uma vacina contra o vírus da Dengue. Atualmente existe um imunizante no Brasil com a aprovação da Agência Nacional de Saúde (Anvisa), trata-se da DengVaxia. Produzida pelo laboratório Sanofi, a vacina foi registrada em 2015, porém, possui restrições para ser aplicada. De acordo com os desenvolvedores, ela é indicada para pessoas que já foram infectadas com o vírus da Dengue anteriormente, já que, pode agravar os quadros de quem contrai a doença pela primeira vez.

O projeto de criação do imunizante desenvolvido pelo Instituto Butantan começou em 2009 e até chegar a fase 3, onde está atualmente, passou por uma série de etapas importantes. A Gerente de projetos do Laboratório de Desenvolvimento de Vacinas Virais do Butantan, Neuza Frazatti explica que “o desenvolvimento de vacinas normalmente leva de 10 a 12 anos para ser feito. É uma questão que tem que ser muito bem

feita. Fizemos aproximadamente 200 experimentos para conseguir observar o desenvolvimento do vírus dentro de uma célula, além do processo do controle de qualidade. É bem complexo. Optamos por fazer uma vacina com vírus atenuado (enfraquecido) porque ela produz uma resposta muito mais eficiente. Ela simula a resposta natural à doença. O NHI (sigla em inglês do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas dos Estados Unidos) já tinha o vírus atenuado, eles nos enviaram e conseguimos desenvolver o produto que deu origem a vacina”

A dengue é uma doença infecciosa e possui quatro sorotipos que podem atuar no corpo humano de diversas formas, da mais leve à mais aguda. Nas últimas décadas, por exemplo, a doença entrou no radar das autoridades de saúde e vem causando muita preocupação.

Em 2022, o Brasil já registrou um aumento de 43,9% no número de casos da doença nos primeiros meses do ano. Segundo dados divulgados pelo Ministério



Foto: Neuza Frazati

da Saúde, de janeiro a março foram 161.605 notificações relacionadas à doença.

A dona de casa Vera Gomes foi um destes casos: “Eu fiquei duas semanas muito mal, sem conseguir levantar, com muita dor no corpo e sem apetite. Mexeu com a minha imunidade. Eu não desejo para ninguém”

A transmissão da Dengue ocorre pela picada da fêmea do mosquito *Aedes Aegypti*, que ingere o vírus após picar uma pessoa infectada. A doença pode se desenvolver de forma assintomática ou evoluir para formas mais graves. De acordo com Neuza, o imunizante conta com quatro tipos de vírus atenuados em sua composição. A ideia é que a vacina seja eficiente contra todas as variações da doença: “Se eu tive a Dengue D1, o meu organismo cria anticorpos contra D1. Se eu encontrar novamente o D1, terei anticorpos contra esse subtipo da Dengue. Mas se eu me infectar com os subtipos D2, D3 ou D4 eu vou ter anticorpos porque eles são muito parecidos. Porém, ao invés de neutralizar a doença, esses anticorpos vão otimizar a replicação do agravando o quadro. É muito importante que a nossa vacina seja eficiente contra os quatro sorotipos”.

Um estudo publicado pela revista *Human Vaccines & Immunotherapeutics* no mês de março apontou que houve criação de anticorpos contra a doença em 92,6% dos voluntários na fase 1. O estudo também apontou que não houve nenhum efeito colateral grave relacionado à vacina. Segundo Neuza, os voluntários que participaram destas etapas e os que foram incluídos recentemente estão sendo acompanhados pelo Instituto. O processo de desenvolvimento do imunizante está na fase 3 e sendo acompanhado por um comitê de pesquisas. Em caso de aprovação, o pedido de registro será encaminhado à Agência Nacional de Vigilância de Saúde (Anvisa) e a previsão é que o processo seja encerrado em 2024.



PRINCIPAIS SINTOMAS



Febre acima de 39° C



Enjoos ou vômitos



Dor de cabeça constante



Dor no fundo dos olhos



Dor nas articulações



Manchas vermelhas no corpo



Falta de apetite

Sinais de evolução da doença:

- Dor abdominal;
- Vômitos persistentes;
- Queda de pressão arterial e
- Sangramento de mucosas

As novas armas da ciência contra o HIV

Por Matheus Vitorelo Inserra

A paulistana conversou com Valdomiro Prestes, que se formou em Farmácia pela UNIBAN em 1998, porém trabalha na área há mais de 30 anos.

Começou com 14 anos em uma drogaria no interior do Paraná, onde nasceu auxiliando o dono nas práticas farmacêuticas.

Com 22 anos abriu sua própria drogaria no Paraná e com 24 anos mudou a até então chamada Drogaria Paraná para São Paulo, onde atua até os dias atuais como farmacêutico e dono.

Já vivenciou casos relacionados aos tratamentos e que tira muitas dúvidas para aqueles que têm falta de conhecimento sobre o tratamento e como ele é visto dentro das farmácias comuns.

“Bom como toda doença causada por vírus não existe uma cura e sim um controle, no caso do HIV os retrovirais ajudam a regredir a carga viral e deixando a de ser letal com esse tratamento. Esse coquetel de antivirais (tenofovir, lamivudina e efavirenz) não se distribui em farmácias apenas pelo governo que cede onde têm infectologistas, aqui em São Paulo existe o



Foto reprodução / Valdomiro Prestes

Emílio Ribas, onde tem os retrovirais, é um hospital que cuida dessa parte de infectologia principalmente por vírus, eles distribuem um kit para quem tem AIDS, no caso as pessoas que já foram contaminadas com o vírus aí se faz esse tratamento. Com esses antivirais a vida da pessoa é praticamente normal. No Brasil até pouco tempo era um dos países que mais conseguiu resolver essa questão da AIDS. Já atendi vários clientes que sabiam que tinham a doença e estavam tratando mas bem no começo cheguei a atender clientes que estavam definhando pois não faziam o tratamento adequadamente ou que não tinham acesso da forma como deveria ser.”

O imenso passo da Viagem Espacial

Por Pedro Nathan Martins

O Projeto Inspiration4, fruto da empresa SpaceX do bilionário Elon Musk, foi responsável pela primeira viagem espacial com pessoas comuns, sem nenhum tipo de vivência ou preparo de um astronauta, pessoas normais com um grande poder aquisitivo para pagar esse passeio atípico, estima-se que o valor para embarcar na Dragon (Nome da espaçonave) gira em torno de US\$ 200 Milhões.

Embora o valor seja extremamente fora dos padrões normais da sociedade, a experiência em ficar por 3 dias ao redor do planeta e poder ter a chance de ver vários pores do sol, é algo que com certeza vai marcar sua vida para sempre, sem falar nos registros de vídeos e imagens que serão feitos.

Infelizmente ainda seja uma realidade muito distante para a maioria dos habitantes deste planeta, o primeiro passo foi dado, não estamos falando de algum filme de ficção cientí-



ca, mas sim da vida real, tecnologia e bilhões em investimentos, ao passar dos anos, a viagem espacial poderá ser algo um pouco mais viável, podendo possibilitar até em uma colonização em um novo planeta, claro que para começar isso só daqui há uns 50 anos, podendo ser a salvação da humanidade, já que o Planeta Terra segundo os cientistas e astrônomos, tem prazo de validade, mas fique tranquilo! A previsão é daqui uns 100 milhões de ano.

O projeto Inspiration4 vai continuar com novos desafios nos anos seguintes, de acordo com seus dirigentes, mas um dos maiores desafios ainda será criar uma maneira um pouco mais rentável, para que o projeto consiga abranger outras classes

sociais e não apenas a Classe A+, seria muito injusto que as pessoas tivessem apenas a oportunidade de ver a Terra em filme, afinal, nós vivemos juntos nessa grande bola azul chamada, Planeta Terra.

Instalação de equipamentos para atividades físicas em praças e locais públicos

Por Leonam Tadeu

Apesar da instalação dos equipamentos para a realização das atividades físicas nos locais públicos, muitos desses equipamentos ficam sem utilização por parte do público

(Equipamentos instalados em praça pública, para atividade de idosos)



Foto por Leonan Tadeu

A Prefeitura de São Paulo instalou nas praças e nos locais públicos de São Paulo equipamentos para a realização de atividades físicas. Não é difícil se notar em parques e praças da cidade, locais com equipamentos destinados a realização de atividades físicas. Os equipamentos estão instalados em diversas praças, parques e locais de São Paulo, alguns na própria região da Avenida Paulista, nas calçadas. Entretanto muitos desses equipamentos ficam “abandonados” pelo público, que deixam os mesmos sem nenhuma serventia nos locais públicos, visto que não utilizam os equipamentos.

Para a solução de tal problema, do abandono dos equipamentos por parte do público, não basta apenas a instalação dos equipamentos nos locais públicos,

mas também, incentivar o público a prática de atividades físicas e utilização dos equipamentos.

Somente a instalação dos equipamentos nos locais públicos não é o suficiente para incentivar o público a realização de atividades físicas e nem a utilização dos equipamentos. Campanhas publicitárias e comerciais da prefeitura, incentivando a prática de atividades físicas e demonstrando nos comerciais a utilização dos equipamentos, seria uma possível forma de incentivar a utilização dos equipamentos por parte do público, pois o mesmo, vendo nas campanhas e nos comerciais da prefeitura a utilização dos equipamentos pelos “figurantes”, iriam se familiarizar com os equipamentos e possivelmente inseri-los em seu cotidiano.



MARCELO CARVALHO

Marcelo Medeiros de Carvalho, Diretor executivo do Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Texto originalmente divulgado na exposição “Tempo de Reação - 100 anos de Barbosa”

No imaginário de diversos meninos e meninas pretos e pobres que correm atrás de uma bola em alguma rua, viela ou campinho de terra está o sonho de um dia se tornar um jogador de futebol, de ser o Pelezinho ou a Marta. Marcar um gol na final do campeonato, ser idolatrado e dar uma vida melhor a sua mãe. No imaginário de milhares de meninos e meninas a fama vai aplacar o racismo e o dinheiro vai afastar todas as dores do mundo.

Na imaginação, as dores causadas pela fome, pela cor de pele e pela completa ausência do estado em dar uma vida digna a população mais pobre e vulnerável vai desaparecer quando o sonho de ser jogador de futebol for realizado.

As agruras e dificuldades de tornar o sonho em realidade serão dribladas com a ginga do corpo, com o sorriso de quem transforma uma bola de meia em uma pelota profissional. Afinal, na parede da sala da casa da sua avó está a imagem de um time multicampeão formado por jogadores brancos e pretos, por homens de diversas características. As histórias daquele super time apresentam heróis que venceram tudo e chegaram lá.

A realidade do racismo que se apresenta quando na

viagem do ônibus alguém esconde a bolsa, ou levanta para não ter a companhia do menino negro será passado quando a fama chegar. Será mera lembrança quando o dinheiro começar a se acumular na conta bancária. Aí o ônibus será substituído por um super carrão do ano. A casa mal-acabada numa super mansão com piscina. A discriminação por conta da sua cor ou da origem social será passado. Mas essa realidade nunca vai chegar.

“A COR DA PELE SERÁ SEMPRE LEMBRADA, SEJA QUANDO FOR PROCURAR UMA CASA, UM EMPREGO, UMA ESCOLA, UM CLUBE”

A cor da pele não será esquecida nem mesmo se o sonho de se tornar um jogador de futebol profissional chegar. Nem mesmo com a fama ou com o gol da vitória que leva ao título. A cor da pele será lembrada quando da arquibancada alguém gritar “pega esse macaco”.

A pele negra será lembrada quando houver um erro, ou um pretense erro, até mesmo quando não corresponder ao que o torcedor esperava. Vai descobrir ao longo da vida que o futebol jamais o aceitou por completo e que numa primeira falha vão tratar de desumanizá-lo.

Ao ouvir um grito racista vai olhar para o juiz e não encontrará um aliado, que também não vai estar no banco de reserva, nem mesmo nas tribunas onde se encontram os dirigentes. O sonho que o dinheiro e a fama vão esconder sua negritude vai se tornar um pesadelo, numa realidade nua e crua que vai se apresentar de forma inesperada e que poderá vir até mesmo por um companheiro de equipe ou de um colega de profissão que joga na equipe adversária. Talvez haja mil microfones em sua direção questionando o que vai fazer após sofrer com a violência do racismo, vai receber alguns tapinhas nas costas de

apoio, contudo vai descobrir da forma mais dolorosa possível que aquela é uma luta só sua. Talvez sua e de seu travesseiro no silêncio da noite, onde vai derramar lágrimas de tristeza escondido.

Tudo que sempre imaginou do futebol vai acabar da forma mais cruel possível. Assim é. Assim sempre foi. O futebol nunca aceitou completamente a presença de homens e mulheres negros. O futebol não acolheu esses corpos escuros na luta contra o racismo. Aceitou pela habilidade, pela possibilidade de vitórias e títulos.

Casos de racismo são comuns desde que o futebol chegou ao Brasil, já foi muito pior quando não permitia que nenhum negro entrasse em campo. Se transformou um exemplo da democracia racial brasileira quando o futebol se tornou popular e idolatrou homens negros. Mas importante lembrar que a tal democracia racial não passou de um mito.

Mas foi cruel quando não levou para a seleção quem tinha a pele escura. Foi cruel quando silenciou e não defendeu quem foi insultado e foi completamente desumano quando sentenciou um homem negro à prisão perpétua após uma derrota.

“O FUTEBOL NOS DÁ A ALEGRIA DA VITÓRIA E A DOR DA DERROTA E DE UNS ANOS PARA CÁ ESTÁ NOS DANDO TAMBÉM A POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAR O ESPORTE MAIS POPULAR DO PLANETA EM UM ESPAÇO DE LUTA”.

O Observatório da Discriminação Racial no Futebol ajudou o Brasil, seus clubes, dirigentes e entidades a transformarem seus espaços em possibilidade de comunicação com seus torcedores, em possibilidade de usar de tamanha visibilidade para debater o racismo estrutural e recreativo.

O futebol está muito longe de ser o espaço que meninos negros sonham e sonharam, mas um passo importante foi dado e hoje o debate ganha cada vez mais voz e vez. O debate ganhou os campos, arquibancadas, entrevistas coletivas e agora o Museu do Futebol.

Vida longa ao Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Vida longa aos que sonham em transformar um mundo num lugar melhor.



100 anos após a Semana de Arte Moderna de 1922, Theatro Municipal promove encontro histórico entre passado e presente, em 'Contramemória'

A exposição, que reúne obras de artistas contemporâneos e o acervo modernista do Centro Cultural São Paulo (CCSP), propõe uma releitura crítica do ambiente cultural da Semana de Arte Moderna no atual contexto cultural no país



O Bastardo – Semana de 22, Os Contemporâneos, 2022. Acrílica sobre linho; Coleção do Artista | Exposição Contramemória – Theatro Municipal de São Paulo. [Crédito de imagem: Gabriela Santos]

Contramemória acontece no mesmo cenário da irreverente Semana de Arte Moderna de 1922. E em 100 anos é a primeira exposição sediada no Theatro Municipal de São Paulo. A mostra faz parte da programação de comemoração ao centenário da Semana de Arte Moderna e chegou mostrando a que veio: propõe uma releitura do ambiente cultural e político da época, ao mesmo tempo em que o transpõe, de forma crítica, para o atual contexto sociocultural e artístico no país.

Nessa edição contemporânea da Semana de Arte Moderna, se assim podemos dizer, o espaço antes reservado à elite promove o encontro entre presente e passado, reunindo, lado a lado, raridades nunca ou pouco expostas do Acervo Modernista do Centro Cultural São Paulo (CCSP) e obras dos artistas contemporâneos Ailton Krenak, Denilson Baniwa, Daiara Tukano, O Bastardo, Adriana Varejão, Raphael Escobar, Bertone Balduino, Ana Elisa Egreja, Lídia Lisbôa, Mídia Ninja e Val Souza. Ao todo, Contramemória expõe 117 obras de 72 artistas, dos quais apenas 28 são brancos.

Lilia Moritz Schwarcz, antropóloga e curadora do evento juntamente com Jaime Lauriano e Pedro Meira Monteiro, reafirma essa característica em Contramemória: “nessa exposição, a gente faz quase que um co-tejamento, quase que um debate entre a coleção criada pelo Mario de Andrade, e que hoje faz parte do Acervo do Centro Cultural São Paulo, e os artistas contempo-

râneos, sobretudo, negros, mulheres e indígenas (sic). A diferença é justamente colocar em debate, em tensão e em diálogo também.”

“[...] O título da exposição já fala sobre essa perspectiva: não é Contra-Memória (com hífen); é Contramemória (tudo junto) (sic), no sentido de produzir narrativas em competição. “[...] não queremos só causar um choque de realidade, mas apresentar essas belas obras de artistas contemporâneos negros, indígenas, mulheres e brancos e mostrar a importância delas [...]”, Lilia esclarece.

“Jaime Lauriano, eu e Pedro Meira chamamos atenção para a ideia de que 100 anos atrás, era sim uma elite cultural que estava lá, mas não podemos esquecer que um dos membros, Mario de Andrade, mesmo que não reconhecido publicamente, era negro e gay. Então, a ideia é, sobretudo, mostrar o que seriam essas vanguardas de 100 anos atrás, por que o Theatro Municipal ficou 100 anos sem receber uma exposição e atualizar a semana de 22.”, enfatiza, sobre o propósito da curadoria de Contramemória.

“A ‘Semana’ mais falou sobre os seus outros, as suas projeções sobre a população negra, a população indígena, do que incluiu essas populações”

Um texto assinado pelos curadores em um totem na entrada do salão nobre orienta a exposição: “Nos an-

“A ‘Semana’ mais falou sobre os seus outros, as suas projeções sobre a população negra, a população indígena, do que incluiu essas populações”

tigos paços e edifícios oficiais, era costume encontrar, logo no saguão de entrada, ‘figuras de convite’. Essas obras, em geral feitas de azulejaria, traziam a representação de pessoas nobres, com cabelos e trajes que indicavam sua posição social e apontavam o caminho a seguir. Era uma maneira de receber os convidados e mostrar a opulência do recinto [...]”.

Antes mesmo de poder contemplar o deslumbrante salão nobre, ao primeiro passo damos de cara com “Tião”, a estatueta em bronze de uma criança negra usando apenas uma bermuda meio desajeitada e o rosto coberto com o que parece ser a camiseta, deixando apenas os olhos à mostra. Olhando seu corpo pequeno, percebemos perfurações à bala. É de dar nó na garganta até do mais preparado crítico de arte contemporânea.

Trata-se de uma releitura, por Flávio Cerqueira, da estátua de São Sebastião, mártir guerreiro retratado por Guignard e Portinari, substituindo por perfurações a balas os pontos originalmente atingidos por flechas. Dessa vez, “Tião” é a figura de convite, que nos chama a notar as vítimas de violência, a presença ostensiva da polícia nas comunidades paulistanas e desfavorecimento sociorracial.

“ ‘Tião’ dialoga tensamente com outros objetos escultóricos também em bronze do museu. Enquanto ‘Tião’ fala da realidade dos moleques de rua maltratados, assassinados perversamente pela polícia, as outras obras no Municipal, mesmo as pinturas, estuques e afrescos falam de uma São Paulo que se projetava muito europeia e quase grega nas representações que escolhia para fazer parte do Teatro, que é um símbolo das projeções das elites, corpo a corpo com a famosa fotografia que ficou como registro da Semana de 22 [...]” (Lilia Schwarcz).

A estatueta divide espaço, de um lado, com uma escultura provocante talhada em sabão, de Raphael Escobar, com os dizeres: “Com quantos pobres se faz um rico?”. De outro lado, uma figura de convite em cerâmica, tradicionalmente conhecida por dar as boas-vindas ao convidado e indicar com as mãos a direção a seguir. No entanto, trata-se da ‘Figura de convite III’, uma releitura da famosa pintura do canibal de Hans Staden, obra de Adriana Varejão, conhecida por tratar de temas ligados à colonização e a antropofagia cultural. Essa obra reconfigura o espaço pictórico, equiparando a figura feminina à masculina.

Flávio Cerqueira – Tião, 2017. ronze. Coleção particular | Exposição Contramemória – Teatro Municipal de São Paulo | [Crédito de imagem: Gabriela Santos]



Subindo as escadas, no salão central, encontramos um jogo antagonista de telas, uma crítica à soberania machista, branca e elitista e um barulhento manifesto à exclusão de artistas negros, mulheres e não ricos do mais memorável, até então, evento de arte no Brasil.

As duas telas direcionam críticas ácidas ao famoso retrato de 1924, que reúne os artistas da Semana de Arte de 22; exclusivamente, os homens da elite paulistana – na obra de Daniel Lannes ‘17 homens e um segredo ou Os modernistas’, o retrato apresenta uma mancha com marca de pincel, o apagamento de algumas figuras e remoção da face de outras, de forma que não sejam facilmente reconhecidas. Essa obra faz parte da coleção do artista que problematiza a masculinidade por meio de pinceladas densas. Segundo a curadora, o segredo desse retrato enigmático, na releitura do artista, é o silenciamento das mulheres que participaram da Semana de 22.

Paralelamente, O Bastardo faz um manifesto ainda mais barulhento: apaga os conhecidos rostos do retrato de 1924 e os substitui pelas personalidades que não foram convidadas – a suntuosidade dos homens brancos da elite é substituída por artistas mulheres, pretos e indígenas contemporâneos conhecidos por nós. Os brancos, portanto, permanecem na obra, mas sem face, sem identidade.



Ao invés dos modernistas, O Bastardo retrata como ‘Os contemporâneos’ figuras como Gilberto Gil, Jaider Esbell, Jaime Lauriano (curador da exposição), Carrollina Lauriano, Taís Araújo, Lazaro Ramos, Ayrson Heráclito e a si mesmo, logo à frente, no chão, no lugar de Oswald de Andrade.

Em suas redes sociais, O Bastardo atribui à obra ‘Os contemporâneos’ - “Brasilfuturismo”, o propósito de reescrever “o passado-presente”. “[...] essa é a imagem que quero cultivar e semear no imaginário popular quando o assunto for a ‘Semana de 22’ [...]”.

A importância de chamar à exposição artistas negros, indígenas e mulheres é muito bem ilustrada na fala de Lilia Schwarz quando questionada sobre como se sente, enquanto artista mulher, no protagonismo da exposição *Contramemória*: “algumas mulheres participaram da Semana de 22, como a pianista Guiomar Novais (a única que não levou via durante seu concerto). Anita Malfatti também estava nas paredes do Theatro Municipal, no entanto, a foto oficial da Semana de Arte Moderna não traz mulheres... de alguma maneira, as mulheres foram silenciadas na representação futura da Semana de 22. Então, eu me sinto muito bem nessa curadoria mista, que tem mulheres, homens, negros, brancos... me sinto muito representada e, junto com meus colegas, fizemos questão que houvesse mais mulheres convidadas para produzirem obras agora em 2022, do que homens.”

O salão é dividido em 3 núcleos: retrato, paisagem e bandeirantes, nos quais as obras ocupam novos espaços na história da arte brasileira, lado a lado, entre impressões modernistas de 22 e realidades contemporâneas.

Há duas obras que compõem o eixo desses núcleos: de um lado, uma pequena escultura de um bandeirante, cedida por Lauriano, feita de material obtido a partir da fundição de balas de armamentos da polícia; que confronta o protagonismo do bandeirantismo na fundação de São Paulo e o levantamento de inúmeros monumentos bandeirantes em meio à Cidade.

De outro lado, no salão central, dividindo espaço com as telas de Lannes e *O Bastardo*, as duas obras da artista Daiara Tukano – um belíssimo e inquietante trabalho sonoro e uma cobra de papel de 200 metros que ocupa o chão do espaço e permeia os painéis, integrando-se à exposição, mostrando representações artísticas indígenas como parte desse inesquecível encontro de épocas, verdades e protagonismos.

Também integram a mostra obras sobre o Brasil político-social contemporâneo por meio das fotografias em preto e branco de Mauro Restiffe, retratando eventos recentes e significantes para a história de São Paulo, como o incêndio no auditório do Memorial da América Latina e também um protesto na época do impeachment de Dilma Rousseff, em 2016.

Para quem visitar a exposição *Contramemória*, é certo que viverá uma experiência inusitada e marcante com debates que incomodam e um ambiente que ainda sob releitura impressiona pela sua irreverência. Para Flávio Pedroso, 43, que mora em São Paulo e foi à exposição para conhecer o Monumento, já não o verá com quem vai apenas a um concerto: “é interessante porque faz a gente pensar sobre o momento do Brasil, os momentos atuais. E gostei muito de conhecer o prédio, é muito grande e bonito”.

Eda Greice, empresária, que mora no Nordeste e foi à exposição como um roteiro turístico saiu impressionada: “vim para conhecer o Theatro e só quando cheguei tomei conhecimento da exposição. É uma exposição muito rica por mostrar nas obras de arte problemas de exclusão por cor da pele, questões sociais que temos hoje. Ela mostra que o Brasil é muito rico, é muito cultural e tem artistas de alto nível. Foi enriquecedor. Fiquei impressionada em conhecer o lugar onde lançou o Modernismo e hoje está com essa exposição riquíssima: passado e presente.”



À direita: Daniel Lannes – 17 homens e um segredo ou Os modernistas, 2017. Óleo sobre tela. Coleção de Marcos Amaro | Exposição Contramemória | Ao fundo: O Bastardo – Semana de 22, Os contemporâneos, 2022. Acrílico sobre linho. Coleção do Artista | Exposição Contramemória – Theatro Municipal de São Paulo. [Crédito de imagem: Gabriela Santos]

Um pouco de história

A Semana de Arte Moderna de 1922 foi um evento protagonizado pela elite branca e patrocinado exclusivamente pela elite cafeeira, origem de diversos artistas modernistas. Dessa forma, a mostra se destinava a uma pequena parcela da sociedade. Nesse contexto, não deve ser ignorado que os pintores Alfredo Volpi e Francisco Rebordo não foram convidados para participarem do evento por não fazerem parte da elite paulistana.

Dessa vez, quem promove a mostra de arte moderna e contemporânea é o Governo do Estado e a Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, como evento público.

Serviço

A Exposição Contramemória acontece no Theatro Municipal de São Paulo, localizado na Praça Ramos de Azevedo, s/n – República, no Centro de São Paulo.

Visitação: 18 de abril a 05 de junho

Funcionamento: terça-feira a sexta-feira, das 11h às 17h; sábados e domingos, das 10h às 15h

Ingresso: grátis

Classificação indicativa: livre

Os ingressos devem ser reservados pelo [site](#) e são limitados a duas unidades por pessoa

Além do acesso direto às obras, também é possível conhecer a exposição por meio das visitas educativas, mediada por um educador, que acontecem durante a semana, sempre às 17h, com duração de aproximadamente 1h15. Para esses acessos, a reserva também deve ser realizada antecipadamente pelo site.

Atenção! Contramemória é apenas uma parte da estrondosa programação Modernismo 22+100.

Os eventos culturais em comemoração à Semana de Arte Moderna de 1922 acontecem até o final do ano em diversos pontos culturais da Cidade: Pinacoteca, Museu Catavento, Memorial da América Latina, Museu Afro Brasil, Museu da Imagem e do Som e Museu da Arte Sacra de São Paulo.

A programação completa está disponível na [Agenda Tarsila](#), plataforma criada pela Secretaria para reunir as programações relacionadas ao centenário da Semana de Arte Moderna.

Imagem ampla das Figuras de Convite da Exposição Contramemória no Salão Nobre do Theatro Municipal de São Paulo | [Crédito de imagem: Gabriela Santos]



Um ícone paulistano está de volta: A Virada Cultural

Por Victor Benevides
e Edgard França

Após dois anos sem acontecer, o evento que antes era centralizado, dessa vez ocupou novos espaços pela cidade

A Virada Cultural 2022 se destacou por realizar eventos descentralizados. Pela primeira vez, vários palcos foram montados nas periferias e as mulheres ganharam ainda mais visibilidade. O evento contou com a participação de artistas como Ludmilla, Luísa Sonza, Gloria Groove, Karol Conká, Pitty, Djonga, Kevinho, entre outros.

O maior destaque do fim de semana vai para ela, Lady Leste. O show de Gloria Groove (28) foi um dos mais marcantes na Virada e também na carreira da cantora. Se apresentar em Itaquera foi crucial para a Lady Leste se sentir em casa e surpreender a todos. “Quando tocou “Vermelho” todo mundo começou a pular. Foi incrível”, lembrou Mônica Lopez, estudante de artes na UNESP. Com um setlist incrível e menção honrosa aos dançarinos e a produção, o show de GG foi intenso do começo ao fim.

A cantora Ludmilla fez o pessoal da Zona Norte tremer com o show realizado na Freguesia do Ó (29) com um show bem diferente do que Lud apresenta. A autodenominada “Rainha da Favela” fez um show que deu o que falar. Músicas que mencionam sexo e drogas fazem parte do repertório da ex MC e, mesmo assim, ela não foi intimidada pelo policiamento extenso do local. Com um público semelhante ao de Gloria Groove, quem estava lá não se intimidou e fez do show um verdadeiro lugar de lazer. Lud mostrou que um carioca também pode se sentir à vontade em São Paulo. A Rainha da Favela entregou tudo o que precisávamos. A cantora até passou pelas raízes que a levaram à fama, mas o público só queria saber de ouvir os hits do “Numanice”, álbum de pagode da cantora.

A voz do milênio passado, segundo a BBC London, Margareth Menezes, trouxe todo o charme e calor baiano para a capital paulista (28). Com hits que passam de geração pra geração, a soteropolitana animou o Vale do Anhangabaú. O mais interessante é que mesmo com o “mesmo”, Margareth cativou e prendeu o público com suas músicas cheias de narrativas lúdicas sobre a cultura Afro Brasileira.



Foto por: Victor Benevides

Violência durante Apresentações

Segurança tem sido a palavra do momento em toda a capital. Poucos dias antes da Virada Cultural o governo deflagrou uma operação na região conhecida como “Cracolândia” e o resultado disso foi um grande número de dependentes químicos vagando pela cidade, gerando mais assaltos e assustando os moradores e frequentadores do Centro.

Assim, havia uma grande expectativa sobre como seria a Virada, ainda mais após a concessão para a iniciativa privada do Vale do Anhangabaú. Mesmo com medidas sendo tomadas, como revista, proibição de mochilas e um amplo volume de pessoas trabalhando na segurança do local, as “gangues do roubo” agiram. “Eu cheguei era umas 3h e os assaltos continuaram acontecendo até às 7h quando eu fui embora”, disse Igor Meira, que é garçom em bares do Centro Histórico.



Foto por: Victor Benevides

Uma imersão pelo mundo Van Gogh

Por Bruna Rodrigues e Suellen Leal Santana

Depois de passar por 24 países, pela primeira vez, exposição Beyond Van Gogh chega ao Brasil. Com mais de 2 mil metros quadrados, o evento promovido no Shopping Morumbi, em SP, promete uma experiência imersiva

Durante sua passagem pelo mundo, a exposição ultrapassou 10 milhões de visitantes e tem como objetivo levar o público para dentro das obras do artista, além de mostrar através de uma reflexão como o pintor holandês ainda influencia o mundo da arte, principalmente nos dias atuais.

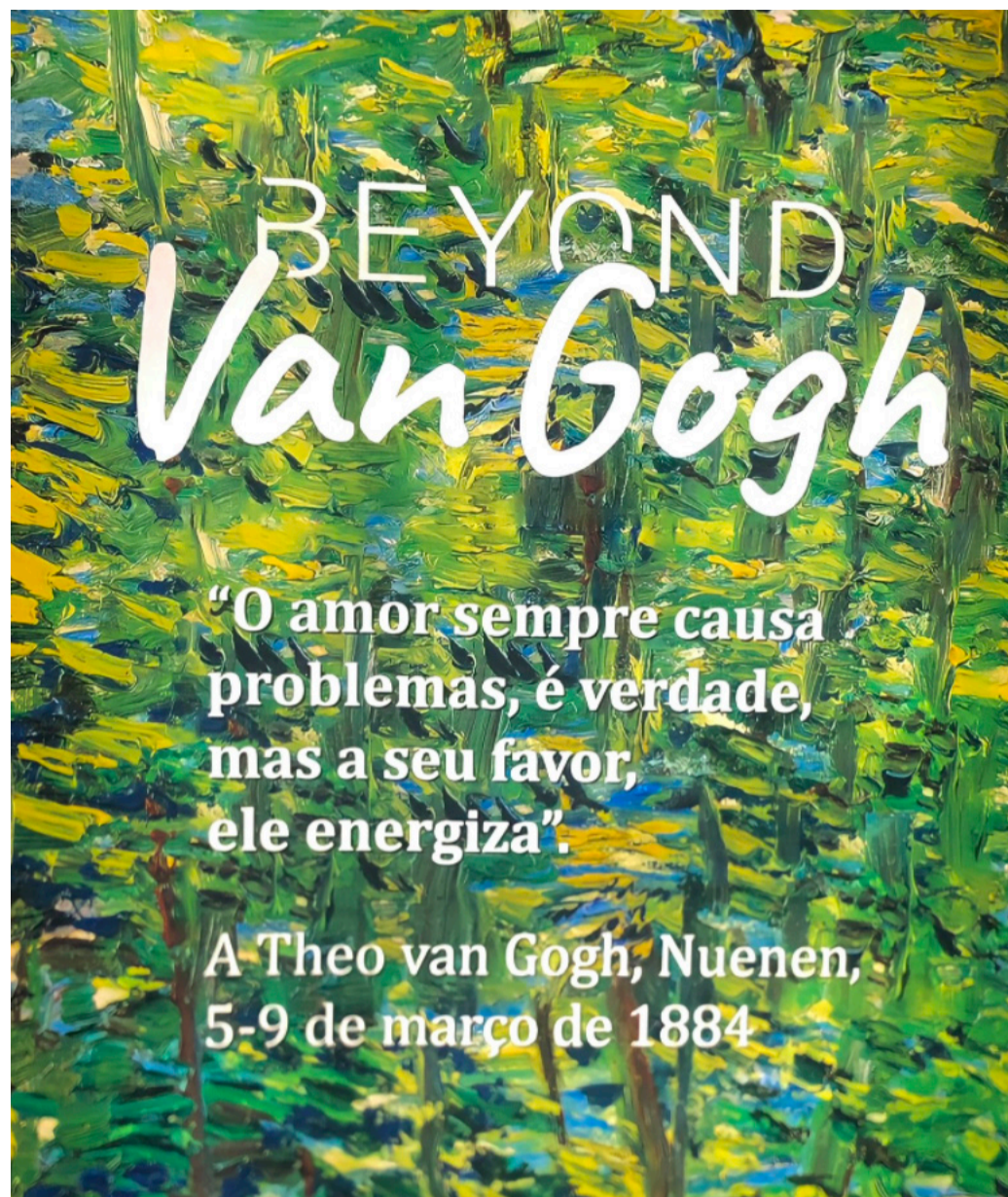
Experiência Imersiva

Uma viagem ao mundo de Vincent Van Gogh, com muitas cores, flores e música contemporânea. A experiência está dividida em seis ambientes, começando pelo café, onde atores contam de uma forma leve a história de Van Gogh. Logo depois, vem a segunda área, que leva o nome de Educacional, na qual o visitante entra em contato com mais detalhes sobre a vida do artista, podendo ver alguns trechos das cartas que o pintor trocou com seu irmão, Theo.

A terceira área leva o visitante para um dos ambientes mais famosos dos quadros de Van Gogh, o jardim de girassóis que deslumbram os olhos.

A influencer digital Fernanda Figueiredo, reconhecida por suas resenhas de lugares e comidas nas redes sociais, disse que apesar de suas expectativas serem bem altas, foi uma bela experiência. Achou o valor do ingresso justo pelo passeio e com certeza recomendaria a um amigo. Ela ainda completa: “não senti tanto a imersão quanto falam e como senti na de Monet, por exemplo, mas vale a experiência. Com certeza, Van Gogh é sempre válido. Obras impecáveis.” (@feandaporai)

Quem se interessar em vivenciar essas sensações pode curtir a exposição em São Paulo, no Morumbi Shopping, até o dia 3 de julho desse ano. Sempre de segunda a sábado, das 10h às 22h e aos domingos, das 10h às 19h. Os ingressos variam de R\$40 a R\$210 e podem ser comprados pela internet ou direto na bilheteria do shopping.



Exposição imersiva com a obra de Vincent Van Gogh - Linha do tempo
Imagem: Renata Velozzo



Exposição imersiva com a obra de Vincent Van Gogh - Girassóis
Imagem: Renata Velozzo

No mês do orgulho: Os direitos e garantias fundamentais à travestis e transexuais

Por Jenyfer Muniz da Silva Oliveira
Lucas Luan Durães
Poliana Soutto

Em junho é realizado uma das maiores Paradas do Orgulho LGBTQIA+ do mundo, mas como anda a garantia e o compromisso de direitos em âmbito nacional?

“Minha vida não foi fácil”: é assim que a primeira transexual a ocupar um cargo em uma secretaria estadual de Mulheres, no estado da Bahia, define sua trajetória pessoal e profissional. Millena Passos está há mais de duas décadas lutando pelos direitos da população LGBTQIA+, a ativista é uma das referências no combate à LGBTfobia.

Em maio deste ano, uma mulher trans e o namorado foram ofendidos e agredidos na Expoagro, em Franca (SP), durante o show da dupla Henrique e Juliano. A briga foi registrada e as imagens foram divulgadas nas redes sociais.

Na divulgação é possível ouvir ofensas transfóbicas do agressor: “É travesti, tem que apanhar”. O casal registrou o boletim de ocorrência por lesão corporal, mas posteriormente a queixa foi alterada para transfobia.

Entre 1 de outubro de 2020 a 30 de setembro de 2021 foram registrados 375 assassinatos no mundo, representando um aumento de 7% em relação ao ano anterior. O Brasil segue há mais de 13 anos no topo da lista dos países que mais assassina travestis e transexuais, segundo o novo relatório da Transgender Europe (TGEU), responsável pelo monitoramento global de dados levantados por instituições LGBTQIA+.

“Somos o país que mais mata pessoas trans no mundo. É uma vergonha. E não tem nenhuma lei que nos assegure diretamente. Temos, apenas, algumas brechas, como a Lei Maria da Penha, que já conseguiu proteger algumas meninas”, disse Millena Passos.



De acordo com os últimos dados divulgados pela TGEU, em 2021, 70% dos assassinatos registrados pelo mundo aconteceram na América do Sul e Central, sendo que 33% ocorreram apenas em abril.

O relatório indica ainda uma tendência preocupante no que diz respeito às intersecções de misoginia, racismo, xenofobia e ódio contra as profissionais do sexo, com a maioria das vítimas sendo negras e mulheres trans migrantes de cor e profissionais do sexo trans. “Esses números são apenas um pequeno vislumbre da realidade no terreno”, diz o documento.

A violência é apenas um dos problemas enfrentados pela comunidade no Brasil, entre outras questões

está o acesso aos direitos básicos, como o de saúde, de inserção no mercado de trabalho, além da identidade de gênero específica e a liberdade de poder utilizar um banheiro.

Saúde para quem?

De acordo com o artigo 196 da Constituição Federal de 1988, a saúde é um direito de todos e um dever do Estado. No Brasil, ainda existem estruturas excludentes que acabam deixando mais difícil o acesso de pessoas trans e travestis a essa obrigação. Um grande exemplo é que grande parte dessas pessoas são iletradas, ou seja, não sabem ler e nem escrever, tendo assim uma enorme dificuldade para acessar esse serviço.

Para facilitar o acesso, o Ministério da Saúde instituiu por meio da portaria nº 2836 a Política Nacional de Saúde Integral LGBT que apresenta mecanismos para garantir facilidade ao acesso à rede do SUS. Mas, muitas pessoas trans não conseguem acesso ao agendamento de consultas, exames.

A ativista Millena Passos, apresentou, em 2013, uma ação na justiça da Bahia contra o processo de Transexualização no Sistema Único de Saúde (SUS), o que garantiu uma série de direitos de saúde às travestis e pessoas trans, como as cirurgias de redesignação genital.

A luta da ativista foi passo gigante perante a luta da comunidade, em muitos lugares do país inúmeras pessoas acabam deixando de buscar a saúde devido à deficiência de conhecimento e até mesmo falta de preparação dos profissionais, acontecendo diversas vezes discriminação e constrangimento, fazendo-as terem medo da rejeição seguida do preconceito.

Desde 2018, o Brasil integrou o acesso aos procedimentos de redesignação sexual no Sistema Único de Saúde (SUS), aplicado para homens e mulheres trans. Com uma vasta série de diretrizes, o texto deixa em destaque o acolhimento e humanização do atendimento.

Segundo a CEO da Bicha da Justiça, Bruna Andrade, algumas pessoas trans tem dificuldade até de tomar seus hormônios e até ter acesso às cirurgias, “isso é mais recorrente do que a gente imagina, e gostaria”. Para ela, algumas medidas que as pessoas trans que não conseguiram atendimento é recorrer aos canais de atendimento,



denúncia, ou tratamento fora do domicílio em uma cidade mais próxima que tenha essa política instituída, sem custo adicional.

“Caso a pessoa ainda não consiga atendimento, existem três mecanismos que a pessoa trans pode recorrer: Defensoria pública, Ministério público e o poder legislativo”, afirmou.

Outros passos para ajudar no caminho da equidade foi dado no Rio de Janeiro, por exemplo, foi construído o primeiro ambulatório voltado à assistência de pessoas trans e travestis. Dando assim, suporte nos processos de hormonização e cuidados na saúde. E em São Paulo, uma medida do governo foi disseminar por diversas clínicas das unidades básicas de saúde a harmonização, tendo como meta, ampliar e democratizar o acesso a esse serviço.

Primordialmente, as pessoas devem ser encaminhadas para os serviços especializados, onde, dentro do SUS, será dado procedimento nas modalidades ambulatorial e hospitalar para o andamento do processo.

Mercado de trabalho

São raras as oportunidades de emprego para travestis e transexuais. Infelizmente, estima-se que 90% dessas pessoas vivam da prostituição, graças a discriminação vista no mercado de trabalho.

“A principal pauta do movimento trans tenho certeza que é o mercado de trabalho. A única profissão que elas têm são profissões como cabeleireira, esteticista e a prostituição, sendo a profissão mais antiga. Mas muitas delas querem ter outros espaços também”, diz Millena Passos, ativista há 25 anos e coordenadora do Grupo Gay da Bahia

Em 2012 o projeto de lei nº 4211/2012, batizado como Lei Gabriela Leite, foi protocolado pelo Deputado Federal Jean Wyllys, propondo uma relação de trabalho, isto quer dizer que os profissionais do sexo não terão de obedecer às ordens de um superior ou de um chefe. Também não terão carteira assinada ou acesso aos mesmos benefícios de quem a tem, mas como o PL abrange a comunidade trans?

Para a Doutora Bruna Andrade, mestre em Direito (Proteção de Direitos Fundamentais), especialista em Direito Público, Direito Tributário e Direito Homofetivo e de Gênero e co-fundadora e C.E.O. das startups Meu Advogado Online e Bicha da Justiça, a lei Gabriela Leite abrange contempla pessoas trans que vivem em prostituição, porém não há normativas ou projetos de lei no âmbito federal que determine cotas para aposentadoria ou outros benefícios para pessoas trans.

“Existem projetos e normativas de instituições públicas, como as universidades, em que permitem um sistema de cotas nos quadros de estudantes. Mas, as questões de trabalho ainda não possuem normatização”, ressalta a Dr. Bruna Andrade.

Porém, ainda não existem leis que garantem vagas a travestis e transexuais em uma empresa. O que existem são algumas plataformas nas quais as vagas são divulgadas e direcionadas a esse público em específico, como no caso do TransEmpregos, hoje o maior e mais antigo projeto voltado a empregabilidade de profissionais transgêneros no Brasil.

Além disso, o TransEmpregos tem outras vertentes, uma delas é o desenvolvimento, como o TRANSformação, um curso em parceria e com certificação do Google focado em temas como: habilidades digitais, conhecimentos jurídicos, identidade profissional e habilidades subjetivas.

Para conhecer mais sobre o projeto, basta acessar o instagram @transempregos.



Foto: Dra. Bruna /Reprodução

Atualmente Millena Passos está à frente da Secretaria Executiva do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher, da vice-presidência da União Nacional LGBT e da coordenação do Grupo Gay da Bahia (GGB).

Nome social

O coletivo Poupa Trans, constituído por mulheres trans, explica o passo a passo para ter seu nome social e sexo definido em documentos. No Brasil, desde 2018, para fazer essas alterações, não é mais necessário a cirurgia de transgenitalização ou nem mesmo decisão judicial. Para tanto, é necessário apenas apresentar alguns documentos, como certidão de nascimento, RG, título de eleitor, entre outros.

O procedimento hoje é bem mais simples do que em anos anteriores. É necessário levar os documentos ao cartório de registro mais próximo e lá solicitar a retificação de nome e gênero na certidão de nascimento.



Mesmo podendo ser solicitada em qualquer cartório, o procedimento só será feito onde a pessoa foi registrada pela primeira vez.

Mais informações podem ser obtidas junto à equipe do PoupaTrans:

Email: poupatrans@gmail.com

Instagram: @poupatrans

Banheiro

Por mais que pareça algo simples ou até mesmo banal, esse é um dos direitos que travestis e transgêneros menos possuem acesso. Quando questionada sobre as leis que garantem o acesso de transgêneros e travestis ao banheiro comum, a advogada Stefany Simões disse:

“No Brasil ainda não existe legislação específica que regulamente sobre o assunto, entretanto há um Projeto de Lei 5008/20 que proíbe expressamente a discriminação baseada na orientação sexual ou identidade de gênero em banheiros, vestiários e assemelhados, nos espaços públicos, estabelecimentos comerciais e demais ambientes de trabalho. A portaria 1.036/2015 publicada pelo procurador-geral do Trabalho, Ronaldo Fleur, em seu art. 4º garante o acesso a banheiros e vestiários de acordo com o nome social e a identidade de gênero de cada pessoa. O intuito do procurador era incluir pessoas trans no labor da administração pública.”

Por mais que exista um projeto de lei que defenda o acesso de pessoas transexuais aos banheiros comuns, há locais que ainda demonstram certas restrições, como empresas/ambientes de trabalho.

No ambiente de trabalho, as questões de gênero demandam uma atenção especial, pois é um local onde os funcionários passam a maior parte do dia e que efetivamente deve ser um instrumento de realização da dignidade dos direitos humanos.

É no local de trabalho que funcionários transexuais receiam passar por determinada restrição, por isso, é imprescindível que exista liberdade para debater temas como o uso do nome social e a utilização de banheiros de acordo com a identidade de gênero do (a) trabalhador (a), principalmente no ato da contratação.

“Ainda que não exista uma lei específica, vale lembrar que a Constituição Federal de 1988, em seu art. 3º, inciso IV, dispõe sobre a promoção do bem-estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, como propósito fundamental à nação. Sendo assim, fica vedado qualquer ato discriminatório”, complementa a advogada Stefany Simões.

A doutora Bruna Andrade ainda ressalta que caso a pessoa trans tenha seu acesso ao banheiro negado, ela pode denunciar o local e/ou estabelecimento “eles podem ser processados, e tem sido, e podem responder ao crime de transfobia, pagar multa e dependendo da gravidade e se já ocorreu antes o estabelecimento pode até ser fechado”.

Banheiros multi gêneros

Em 2021 o McDonald’s teve a iniciativa de colocar adesivos na porta dos banheiros, onde o símbolo era diferente do já utilizado para indicar o termo unissex. Neste adesivo havia o desenho de uma mulher, um homem e uma pessoa não binária e logo abaixo trazia a palavra: Banheiros individuais, ou seja, era uma cabine individual para uso de qualquer pessoa, independente do gênero.

Em pouco tempo, isso gerou polêmica em uma loja do McDonald’s de Bauru-interior de São Paulo, após uma mulher postar nas redes sociais um vídeo mostrando a sua indignação com essa iniciativa.

Essa repercussão se deu pelo fato de que ainda existem pessoas que discordam do acesso de pessoas transsexuais, não binárias ou travestis em banheiros comuns. Após toda essa confusão a empresa decidiu substituir os adesivos pelos tradicionais, em que ilustra a mulher e o homem.

Em 2015 ocorreu um fato de discriminação semelhante em um shopping de Florianópolis, quando uma mulher trans precisou usar o banheiro e decidiu ir ao feminino, devido ao gênero em que se identifica. Mas antes mesmo de conseguir ter acesso ao local, a mulher foi impedida pelos seguranças do local.

Para reivindicar seus direitos, a vítima dessa discriminação levou o caso para a polícia, mas infelizmente, já faz seis anos que os juízes da Suprema Corte paralisaram o processo.

De acordo com dados do Dossiê de Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais brasileiras em 2020, 9% da população trans sofreu uma violação no direito humano básico de usar o banheiro correspondente ao seu gênero.

Mesmo com a existência dos direitos humanos que tem o objetivo de garantir a segurança e liberdade de mulheres, pessoas negras, pessoas com deficiência e pessoas LGBTQIA+, ainda boa parte da população é atingida diariamente e privada em diversos locais.

Há relatos de mulheres trans que sofreram e ainda sofrem assédio em banheiros/vestiários masculinos das escolas. É comum ver também casos de mulheres

trans que desenvolveram doenças renais, simplesmente porque foram impedidas de usar o banheiro feminino no local de trabalho.

Esses fatores não deveriam existir, mas infelizmente a sociedade vive em uma realidade completamente diferente e daí vem o questionamento: as leis e projetos de lei são para quem? Quem está se beneficiando? Quem está sendo protegido?

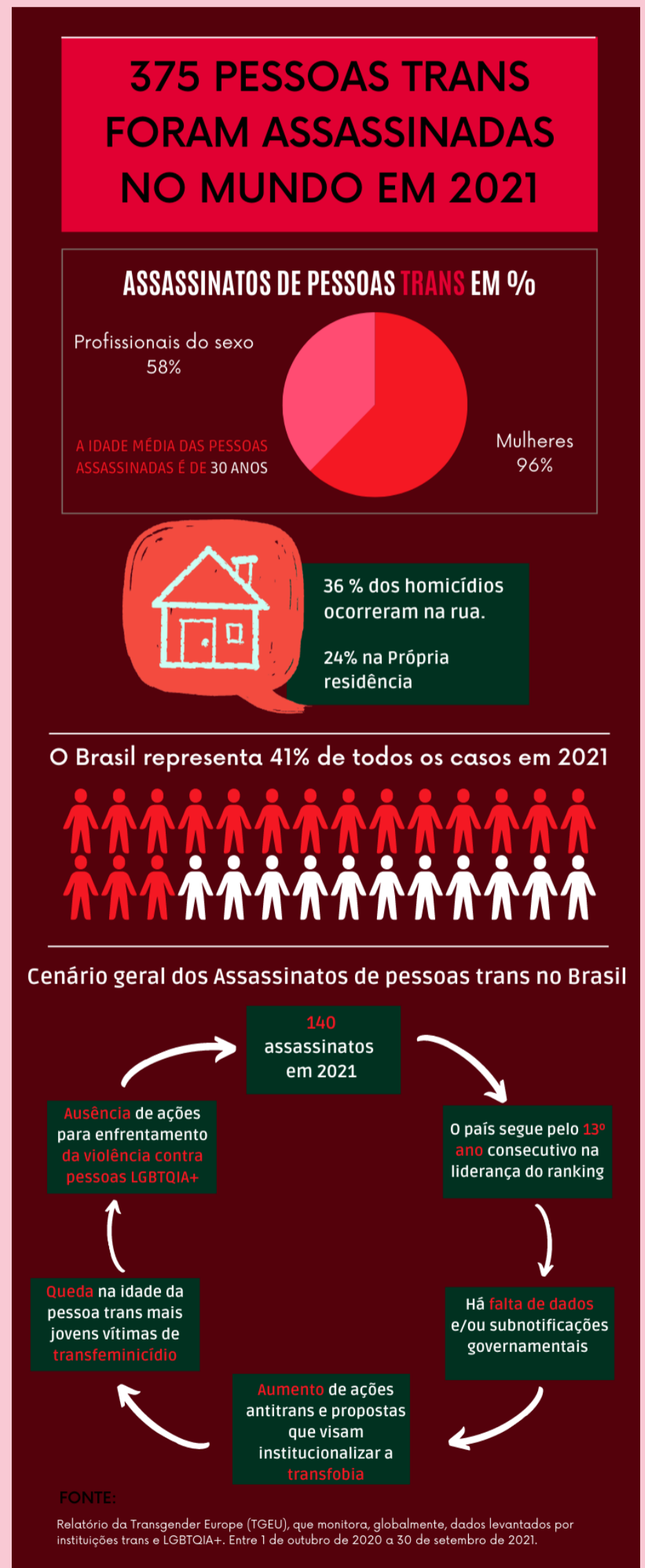




Foto: Divulgação / Casa Chama

Centros de acolhimento LGBTQIAP+

Por Ana Carolina Cationi
Marina Honorato Vieira
Raylla Alves Rocha

Quem acolhe é acolhido, e quem é acolhido também acolhe!
(Lema da Casa Chama)

De acordo com o Portal da Educação, as funções de uma família “regem-se por dois objetivos, sendo um de nível interno, como a proteção psicossocial dos membros, e o outro de nível externo, como a acomodação a uma cultura e sua transmissão”.

E ainda de acordo com o Código Civil, o Art. 1.511 aponta que: “o casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges.”

A família deveria ser o primeiro ponto de amor e apoio no mundo, no entanto, não é isso que acontece para a maioria das pessoas da comunidade LGBTQIAP+ devido à estrutura da sociedade atual ainda muito ligada ao patriarcado. As famílias tradicionais acabam sendo sempre violentas e preconceituosas com pessoas pertencentes a este grupo. Toda essa situação acaba tornando o berço familiar, que deveria ser um local seguro, em um ambiente perigoso e tóxico para as pessoas exercerem sua verdadeira identidade e sua sexualidade.

Com a pandemia e ações governamentais lgbtfóbicas,

foi possível perceber a falta de políticas públicas voltadas para a população LGBTQIAP+ em situação de vulnerabilidade e o quanto esse problema tem crescido.

Porém, nem tudo está perdido. Em decorrência da falta de apoio e estrutura para este grupo, outras redes de apoio se desenvolveram. Neste período, houve uma alta de novos centros de acolhimento que buscam orientar, alimentar, proteger e fornecer ferramentas para que essas pessoas, marginalizadas pela sociedade, possam conquistar o seu espaço.

Nesta edição, a Paulistana apresenta a Casa Chama, uma ONG fundada e coordenada por pessoas transvestigêneres, cuja atuação sociopolítica e cultural visa garantir emancipação, valorização e qualidade de vida para as populações trans.

A Casa Chama possui uma estrutura de frente muito ampla, na qual se utiliza da Cultura, Construção de Rede, o canal Jurídico, Psicossocial, Autonomia Financeira e uma Administração focada. Eles caminham com o objetivo de prolongar e potencializar as

vidas trans, promovendo dignidade e assegurando espaços de participação e posicionamento político, artístico e social, além de compreender a aliança com pessoas cisgêneras como um alicerce fundamental da organização, sendo as cis aliadas parte importante da história e do fomento ao protagonismo trans.

“Somos uma equipe extremamente diversa, composta majoritariamente por pessoas trans, que está sempre disposta a compartilhar projetos de mundo mais dignos e plurais. Atualmente contamos com 270 voluntárias, em diversas frentes, e é através dessa nossa rede de parcerias e ações que produzimos afeto, cuidado e troca.”, explica a instituição.

As casas de acolhimento, geralmente, se mantêm funcionando graças a doações por parte das pessoas simpatizantes do movimento e parcerias com a iniciativa privada. Os moradores são os responsáveis pela manutenção da limpeza da casa e pelo preparo dos alimentos.

Após saber um pouco mais sobre como as casas de acolhimento funcionam, podemos agora partir para o cerne da questão:

COMO ESSES CENTROS AJUDAM NA MANUTENÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS PARA A POPULAÇÃO LGBTQIAP+?

Na verdade, a resposta é bem simples!

Além de acolhê-los e dar condições mais dignas de existência como moradia e alimentação, eles promovem grupos de estudos e eventos culturais. Além disso, através de advogados parceiros, os membros vulneráveis da comunidade recebem apoio jurídico, já que, esses profissionais seguem lutando pelos direitos básicos, muitas vezes negados a essa parte da população, como o direito de ir e vir, direito de liberdade de expressão e direito ao trabalho e a educação.

A maior luta vem também para que mais políticas públicas sejam implantadas para que as casas de acolhimento não fiquem superlotadas e para que a população LGBTQIAP+ tenha, cada vez mais, seus direitos garantidos de forma orgânica.

A Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, por exemplo, tem se mostrado

um pouco mais parceira da causa nos últimos tempos, juntando dados e produzindo relatórios para dar força e movimento para as políticas já em andamento e para favorecer criações.

Desde abril de 2016, o decreto nº 8.727 reconheceu que, nas repartições e órgãos públicos federais, pessoas travestis e transexuais tenham sua identidade de gênero garantida e sejam tratadas pelo seu nome social, exercendo o seu direito de ser. E não apenas isso, as pessoas da comunidade LGBTQIAP+ possuem direito a acesso da rede de serviços de saúde, ter atendimento humanizado, acolhedor, livre de qualquer discriminação, restrição ou negação em virtude de idade, raça, cor, etnia, religião, orientação sexual, identidade de gênero, condições econômicas ou sociais, estado de saúde, de anomalia ou patologia. Qualquer comportamento que vá contra esses fatores, está fora da lei.

A Casa Chama acredita no lema de que a transição é coletiva, ou seja, não é apenas as pessoas trans que passam por esse processo, mas também nós como sociedade, acabamos por enfrentar essa transição ao ajudarmos financeiramente instituições como essa ou não tolerarmos preconceitos nos lugares em que passamos, por exemplo. Ações muito simples no dia a dia podem ajudar na restituição dos direitos humanos para a população LGBTQIAP+ e transformar as vozes da minoria, em maioria!



**A SUA IDENTIDADE
JAMAIS DEVERÁ
SER REPRIMIDA
OU RENEGADA!**

FIAMFAAM

Centro Universitário

PAULISTANA - 01/2022



0000000000000000